JESUS OLHOU PARA ELE COM AMOR

Mônica Ottermann

Quando Jesus saiu de novo a caminhar, um homem foi correndo, ajoelhou-se diante dele e perguntou: "Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?" Jesus respondeu: "Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais. Você conhece os mandamentos: não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; não engane; honre seu pai e sua mãe." O homem afirmou: "Mestre, desde jovem tenho observado todas estas coisas."

Jesus olhou para ele com amor, e disse: "Falta só uma coisa para você fazer: Vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me." Quando ouviu isso, o homem ficou abatido e foi embora cheio de tristeza, porque ele era muito rico.

Mc 10,17-22 (*Bíblia Pastoral*)[1]

O olhar amoroso de Jesus nos desafia a abrir os nossos olhos e corações para uma visão dele que se encontra dificilmente de forma satisfatória em artigos exegéticos: uma visão que focaliza o lado afetivo da pessoa humana Jesus de Nazaré. Precisamos fazer um esforço considerável para chegar a esta abertura, não tanto por falta de humanidade do homem Jesus, mas por causa da dificuldade que temos, em geral, com a visão dele como pessoa afetiva, cheia de emoções e sentimentos. Esta dificuldade tem basicamente dois aspectos:

Primeiramente, estamos acostumados/as com imagens teológicas de Jesus Cristo, tanto da doutrina oficial quanto da religiosidade popular, que distorceram e esconderam a imagem de Jesus de Nazaré, mostrada nos evangelhos. Lembraremos apenas de algumas imagens da arte plástica que marcaram o cristianismo ao longo dos séculos: do *Pantokrátor* (o Todo-poderoso) severo dos mosaicos e das ícones, do Sofredor manso das figuras barrocas, do Jesus doce, branquinho e de olhos azuis do estilo "nazareno"... No Brasil, a devoção popular é polarizada, basicamente, em duas imagens: de um lado, Jesus no céu – o Cristo Rei, celeste e glorioso; de outro lado, Jesus no túmulo – o Senhor Morto, impotente e inofensivo. Estas imagens teologizadas, concentradas nos últimos instantes ou no além da sua vida terrestre, não mostram nada dos longos anos de vivência e atuação de Jesus como pessoa humana. As imagens de Jesus Libertador que estão

1. Textos bíblicos são citados de acordo com a "Bíblia Sagrada, Edição Pastoral", Edições Paulinas 1990, por causa da sua grande divulgação nos meios populares.

surgindo recentemente no âmbito da Teologia da Libertação mostram, em geral, uma sensibilidade maior para o lado humano de Jesus. Mas também elas giram na maioria das vezes em torno do Mártir Torturado ou do Mártir Ressuscitado[2]. Tudo isto já seria suficientemente grave, mas o pior é que este processo de esconder o Homem Jesus de Nazaré em favor do Filho e Cristo de Deus já começou com as primeiras fases da tradição oral e escrita do anúncio pós-pascal. Os próprios evangelhos estão marcados decididamente por este processo, como mostraremos neste artigo.

Além disso, a exegese tradicional com seu método histórico-crítico não é o melhor instrumento para captar e analisar aspectos do lado humano e afetivo de Jesus: ela mal se arrisca a entrar na esfera da intuição, da suspeita e da analogia, e tem costume de concentrar-se na pesquisa sobre a "palavra da palavra da Palavra": na exegese do texto sobre a comunicação verbal do Logos. Por isso existem muitas pesquisas sobre a *ipsissima vox*[3], até sobre as *ipsissima facta* de Jesus, e nessa busca pelo "Jesus histórico" surgiu até a pergunta pela *ipsissima intentio* dele, que segundo Boff "se revela em palavras e gestos"[4]. Mas para ter um quadro mais completo da pessoa humana Jesus de Nazaré devemos pesquisar também suas *ipsissimae reactiones*, suas *ipsissimae motiones*. Este estudo quer contribuir com esta pesquisa, aprofundando dois aspectos dentro do tema vasto da afetividade de Jesus: o aspecto dos seus "olhares", e o aspecto de suas emoções e seus gestos corporais, como foram transmitidos nas narrativas de Marcos[5], o evangelho mais antigo, e modificados no processo sinótico por Mateus e Lucas.

I. Olhares e emoções e gestos corporais de Jesus em Marcos

1. O olhar de Jesus: um olhar afetivo

A especial atenção para o olhar de Jesus é uma característica do Evangelho de Marcos. Na frase que deu nome para este artigo, 'Jesus olhou para ele com amor' (10,21), Marcos usa a palavra grega *emblepo,* que significa "olhar bem, com atenção, para alguém/algo; fitar". Mas o verbo mais característico que Marcos usa para caracterizar o jeito de Jesus olhar é *periblepomai*, o "olhar em volta, olhar para alguém/algo ao redor". Estes dois tipos de olhares atentos e abertos revelam traços importantes da pessoa humana Jesus de Nazaré.

2. Cf. para este assunto por exemplo Edegard SILVA JUNIOR. *O Rosto de Jesus no decorrer da história*, Vozes 1991; ou Riolando AZZI. Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador, in: *Perspectiva Teológica* 18, p. 215-223.

3. O termo latino "*ipsissima vox*" surgiu no âmbito da pesquisa sobre o "Jesus histórico". *Ipsissimus* significa "muito próprio" e é usado para identificar algum aspecto "autêntico", "histórico" na pessoa de Jesus: uma palavra ("*vox*", voz), um fato *(factum)*, uma intenção *(intentio)*. Nesta linha devemos perguntar também pelas reações *(reactiones)* e emoções (*motiones*) do Jesus histórico.

4. BOFF, Leonardo. Salvação em Jesus Cristo. In: *Concilium* 96 (1974/6), p. 754.

5. Quando uso os nomes ou as siglas dos evangelhos, não quero destacar indevidamente um ou outro dos homens que levaram este nome, como se o evangelho fosse obra dele; é apenas uma conveniência que para mim expressa "o Evangelho escrito na(s) comunidade(s) de Marcos, Mateus, Lucas, João".

1.1. Jesus olhou bem

O verbo *emblepo* é usado apenas oito vezes nos Evangelhos Sinóticos, e, destas oito vezes, cinco se referem a Jesus:

Mc 10,21	Jesus olhou para ele com amor
Mc 10,27	Jesus olhou para os discípulos
Mt 19,26	Jesus olhou para os discípulos (cf. Mc 10,27)
Lc 20,17	Jesus olhou atentamente para eles (os chefes)
Lc 22,61	Então o Senhor se voltou e olhou para Pedro... (... e Pedro ... chorou amargamente)

Concentremos a nossa atenção na narrativa do encontro entre Jesus e o homem rico em Mc 10,17-27 que fala três vezes do olhar de Jesus: Jesus olhou bem para ele, e "olhando, sentiu afeição"; após a saída dele, olhou em volta; e depois da pergunta pessimista dos/das discípulos/as "Então, quem pode ser salvo?", Jesus olhou bem para eles (v. 21.23.27).

O tríplice olhar de Jesus tem uma função importante nas relações interpessoais desta narrativa. A relação entre Jesus e o homem rico se desenvolve, num primeiro momento, apenas em trilhos costumeiros de pergunta, contrapergunta com ensinamento, e resposta – em nível meramente verbal. O gesto afetivo inicial do homem que cai de joelhos parece ter caído no vazio – não é narrada nenhuma reação imediata de Jesus a respeito. A forma e o tom da sua reação verbal mostram até uma certa frieza: à titulação "Bom Mestre" e à pergunta pela vida eterna, Jesus retruca fazendo outra pergunta: "Por que você me chama de bom?", e dando a dura lição de que, além de Deus, ninguém é bom. Somente depois dá a resposta procurada, sem esquecer de frisar que o homem já a conhece. Mas deve ter havido algo na pessoa dele, na sua procura, na sua singeleza de afirmar ter feito desde jovem tudo o que Jesus sugeria, que consegue quebrar esta frieza: Jesus ultrapassa o nível meramente verbal da relação, lançando um olhar atento, e este olhar capta algo que mexe com o lado afetivo de Jesus. Este olhar o leva a sentir, subitamente, carinho e amor para o homem desconhecido – "olhando-o, o amou"[6].

Podemos entender um olhar atento e aberto como uma moção: uma maneira de intensificar um contato, de expressar um interesse, uma emoção. Certamente é uma maneira extremamente leve e fugaz – talvez seja até a maneira mais leve, mais discreta de estabelecer um con-"tato", de "tocar" em alguém. Um toque que é, e não é, físico, que deixa o máximo de liberdade para a reação da outra pessoa, que não obriga nem força, e sim procura e pede – mas às vezes pede com insistência! Um olhar é uma ponte de pessoa para pessoa, talvez a ponte mais fina possível, silenciosa e frágil. Mas tam-

6. O texto grego (*emblepsas*, particípio do *aoristo*, com *egapesen*, aoristo) sugere que a afeição era fruto do olhar, e não, como insinua a tradução da *Bíblia Pastoral*, que o olhar já era afetuoso. Mesmo assim, a expressão escolhida pela *Biblia Pastoral* me parece ser útil para transmitir de maneira agradável o fato da afeição de Jesus.

bém é um fio invisível que faz passar energia, energia de sintonia ou de conflito. Para ser percebido, o olhar precisa do olhar da outra pessoa – da coragem de não apenas ver, mas de ver olhando, de ser plena presença, de olhar para a pessoa que, neste momento, é o "Tu" diante do meu "Eu". A pessoa que olha para uma outra se torna atingível e vulnerável, porque o olhar "trai" algo de si, de seu interesse, seu sentimento. Este sentimento pode ser o mais variado: o olhar torna-se janela do coração e mostra o que está nele, desde as profundezas do amor até os abismos do ódio.

No encontro com o homem rico, o olhar que Jesus lançou levou para um sentimento de amor, mas existem também outros sentimentos ligados aos olhares de Jesus: Mc 3,5, usando o verbo *periblepomai* (olhar em volta), diz que Jesus neste momento estava cheio de ira e tristeza, e isso se expressou certamente também neste olhar (cf. mais abaixo: 2.1). São estes os dois únicos exemplos onde Marcos fala expressamente de emoções de Jesus ligadas aos seus olhares. Mas na sua base e a partir da nossa reflexão sobre a natureza de um "olhar" em geral, podemos concluir que também os outros olhares de Jesus certamente não eram estéreis, neutros, e sim carregados de ex-pressão. Talvez seja pela im-pressão que causaram, que alguns deles escaparam dos cortes formais e cristológicos que as narrativas sobre Jesus sofreram.

Continuando a análise da narrativa de Marcos do homem rico, enfoquemos o "olhar em volta" do v. 23, e o "olhar para os discípulos" do v. 27. Estes dois olhares encontram-se numa posição-chave da estrutura do texto. O olhar em volta é a ponte através da qual Jesus entra em relação com seus discípulos/as, após a sua relação intensiva com o homem que "amou". Até agora, os/as discípulos/as estavam fora do alcance da atenção de Jesus, e, alcançando-os com este olhar, Jesus volta para eles toda sua atenção e preocupação. A repetição do seu lamento "Como é difícil para os ricos entrar no Reino de Deus!" junto com a expressão afetuosa "Meus filhos" (v. 23.24) são sinais da densidade deste momento no qual Jesus teve que lutar com sentimentos de decepção e tristeza: ele viu seu amor cair no vazio, porque o homem tinha ido embora, abatido e cheio de tristeza. Mas resta uma esperança que é maior que a questão pessoal de alguém ter negado o seu seguimento. É o último olhar de Jesus que procura criar uma relação de firme confiança entre ele e os/as discípulos/as, e lhes possa dar o suporte afetivo necessário para poderem acreditar nesta esperança: que pelo poder de Deus até um rico pode ser salvo...

Realmente, algo de muito especial deve ter-se manifestado nestes olhares de Jesus. Parece que isso levou até o Evangelho de Lucas, que não trabalha com este motivo, a incluí-lo em 20,17, e sobretudo a atribuir o arrependimento de Pedro na hora da negação ao fato de Jesus ter-se voltado e ter "olhado bem" para ele (Lc 22,54-62. As emoções de Pedro que causaram o seu "choro amargo" foram provocadas pelo olhar de Jesus, que não é descrito. Mas com um pouco de intuição podemos imaginar os sentimentos que este olhar deve ter revelado. Talvez seja essa uma das estratégias usadas no processo da tradição: cortar a descrição de sentimentos e emoções de Jesus, e falar em vez disso dos sentimentos de outras pessoas, como no caso de Mc 3,5 x Lc 6,11 (veja mais abaixo: II.2.1).

Para completar lembremos ainda Mc 8,33 onde o evangelista usa o verbo *idon*: "Jesus virou-se, olhou para os discípulos e repreendeu Pedro, dizendo: '...Satanás!'" É óbvio que este contato não-verbal com os discípulos em geral transmitiu algo da agitação e determinação que Jesus sentiu neste momento, e que explodiram em cima daquele que as provocou (veja mais abaixo: II.2.1).

1.2 Jesus olhou em volta

Analisaremos aqui as narrativas onde Marcos fala deste olhar de Jesus, além da narrativa do homem rico. O verbo usado, *periblepomai*, significa "olhar em volta, ao seu redor", e indica certamente um olhar mais leve do que o olhar dirigido diretamente para uma pessoa concreta. Mas também este é um olhar atento que olha para ver conscientemente, e vale para ele tudo que foi dito acima. Este "olhar em volta" encontra-se sete vezes nos Evangelhos Sinóticos: uma vez em Lc 6,10 onde é assumido do texto paralelo de Mc 3,5; todo o resto é de Marcos. Dessas seis citações de Marcos, cinco se referem a Jesus, e uma à reação de Pedro, Tiago e João na hora da transfiguração de Jesus (9,8). Os olhares de Jesus são estes:

> 3,5 – Cura do homem da mão seca: "Jesus então olhou ao seu redor, cheio de ira e tristeza".
>
> 3,34 – A verdadeira família de Jesus: "Então Jesus olhou para as pessoas que estavam sentadas ao seu redor".
>
> 5,32 – Encontro com a mulher com hemorragia: "Mas Jesus ficou olhando em volta para ver aquela que tinha feito aquilo".
>
> 10,23 – O homem rico: "Jesus então olhou em volta e disse aos discípulos" (cf. 1.1).
>
> 11,11 – Primeira visita ao Templo: "Jesus entrou em Jerusalém, no templo, e olhou tudo ao redor"

a) A cura do homem da mão seca

Na perícope 3,1-6 é narrado o encontro de Jesus com um homem que tinha uma mão paralítica, e o "desencontro", o conflito com um grupo de pessoas presentes na sinagoga naquele momento. Em 3,5 o olhar de Jesus procura estas pessoas ao seu redor que ficaram mudas quando Jesus lhes perguntou: "O que é que a lei permite no sábado...?" De algumas delas, Marcos diz que estavam lá para espiar, para poderem acusar Jesus. O olhar de Jesus poderia ter procurado, então, estabelecer um contato mais profundo que pudesse tocar e penetrar justamente os corações endurecidos dos seus adversários; poderia ter sido um último apelo aos sentimentos deles que Jesus percebe encarcerados nestes corações de pedra. Mas esta não era a primeira experiência de Jesus com este tipo de inimizade: a redação de Marcos colocou esta narrativa como elemento final de uma série de três narrativas de conflitos (cura do paralítico: 2,1-2;

jantar com Levi: 2,13-17; questão do sábado: 2,23-28). A observação final confirma a gravidade destes conflitos: "Logo depois, os fariseus saíram da sinagoga e, junto com alguns do partido de Herodes, faziam um plano para matar Jesus."

Podemos pressupor, então, que a situação já estava tão carregada de emoções que o olhar de Jesus já não estabeleceu uma ligação, e sim confirmou uma separação, pois mostrou de que o coração do próprio Jesus estava cheio, neste momento, em conseqüência de todas as experiências já feitas com este tipo de pessoas: estava cheio de ira e tristeza. Esta descrição nos oferece mais um testemunho da comunicação não-verbal profundamente intensa de Jesus, que deve ter feito parte de suas reações em muitos momentos semelhantes.

b) A verdadeira família de Jesus

Na narrativa 3,31-35 chama a atenção que não se estabelece nenhum contato direto entre Jesus e seus/suas parentes que ficam do lado de fora da casa onde ele está e se servem de outra pessoa para entrar e chamá-lo: eles/elas ficam sem receber retorno qualquer. Em vez disso, Marcos destaca a presença física bem próxima de muitas pessoas não-familiares, do "povo" sentado *ao redor* de Jesus (v. 32). Em seguida diz que Jesus, "olhando em volta para as pessoas sentadas ao seu redor", as chamou de mãe e irmãos. A *Bíblia Pastoral* traduz o *óchlos* (que literalmente significa "povo") com "multidão", e de fato, o sentido geral é de "muita gente". A partir do tamanho limitado de uma "multidão" que coubesse numa casa comum da época podemos concluir que Marcos usa a palavra estereotipicamente, como em muitas outras ocasiões, para indicar as pessoas "simples", do "povo", que são atraídas por Jesus, e que suscitam nele uma afeição toda especial: a compaixão (veja abaixo: II.2.2). No caso desta narrativa, Marcos faz questão de destacar a relação afetiva de Jesus com esta "massa" que o procura. Esta relação é favorecida pela intimidade da "casa" e pelo assunto da "família", mesmo que este irrompa e interrompa de forma desagradável (cf. os v. 20-21 logo antes desta perícope). Jesus soube transformar os sentimentos e reações negativas que teve e mostrou neste momento em relação à sua família de sangue em sentimentos e reações positivas em relação às pessoas que o circundavam: abraçando-as com um olhar, as declarou carinhosamente mãe, irmão, irmã. E este olhar atento para cada uma, para cada um, fez esta pessoa certamente sentir o que as palavras diziam: ela não era apenas elemento anônimo da massa, objeto de ensinamento. Jesus a viu como companheira e companheiro, parceira e parceiro na realização da vontade de Deus.

c) O encontro com a mulher com hemorragia

No encontro entre a mulher que sofria de hemorragia e Jesus (Mc 5,25-34), a figura central, ativa e determinante é a mulher corajosa; o gesto central é o toque ousado dela. Não desviemos a nossa atenção disso, não diminuamos o ato inédito dela, desapropriando-a da honra de ela mesma ter-se curado pela sua "fé": olhemos para Jesus como parceiro, cúmplice da sua ação ousada.

Jesus não ficou passivo, meramente atropelado pelo ato furtivo da mulher. Não tentou encobrir esta ação, escondendo o que sentiu: a sua re-ação involuntária, provocada pelo toque, que é descrita como "força" que surgiu no seu íntimo e que extravasou. A sua primeira re-ação voluntária foi: virar-se e perguntar pela pessoa que provocou isso. A narrativa criou um suspense, insinuando como seria fácil manter o anonimato, mas Jesus intensificou a sua comunicação não-verbal que já tinha começado no ato de voltar-se: ele procurou a pessoa com o seu olhar, para poder passar para uma relação aberta e mais plena. Jesus "ficou olhando em volta *para ver aquela* que tinha feito isso", diz o texto grego literalmente. Sem discutir se a forma feminina do pronome já quer insinuar a onisciência de Jesus, podemos concluir que, mais uma vez, o olhar de Jesus é um olhar que procura intensamente a relação mais profunda com a outra pessoa, e aqui é até a base para qualquer relação madura que não se esgota em ações furtivas. Marcos narra os sentimentos da mulher: ela estava cheia de medo, estava tremendo. Mas o olhar de Jesus a fez vencer este medo que era mais que justificado, e possibilitou uma comunicação verdadeira com um final muito mais pleno do que ela poderia ter esperado: Jesus declarou legítima, até *salvífica,* esta sua "transgressão", valorizando-a como ato de fé e base para cura e paz duradouras.

d) A primeira visita ao Templo

A narrativa de Marcos da entrada de Jesus em Jerusalém (11,1-11) observa logo depois dos gritos de "Hosana": "Jesus entrou em Jerusalém, no Templo, e olhou tudo ao redor." Na construção de Marcos e, a partir disso, também de Mateus e Lucas, sem considerar o Evangelho da Infância do último, foi esta a primeira visita de Jesus a Jerusalém. Por isso é significativo que Marcos aplica aqui o motivo do olhar de Jesus que ele, normalmente, reserva para as relações interpessoais.

Podemos interpretar este fato como indício daquilo que percebemos em todas as narrativas dos evangelhos: também para o "mundo" em geral, para o ambiente que o envolveu, Jesus teve este olhar atento. Sem este "olhar", esta sensibilidade pelos "fatos de vida" mais singelos, pelos "sinais dos tempos", Jesus não poderia ter desenvolvido o jeito característico da sua fala em geral, especialmente das suas parábolas e comparações, e muito menos o jeito característico das suas relações humanas. O olhar atento e certamente envolvido, carregado de sentimentos, que Marcos integrou no momento-chave do primeiro contato pessoal de Jesus com o Templo, pode servir de símbolo para uma das características mais profundas da pessoa de Jesus: a sua observação atenta e sensível do mundo e da vida em todos os seus aspectos, a sua presença plena e engajada que o levaram a assumir a opção da sua vida até as últimas conseqüências: a morte na cruz.

1.3. Os olhares de Jesus – expressão de bênção e afeição

Nas tradições do Antigo Oriente em geral e nas tradições israelitas em particular, o olho era considerado a janela, o espelho do coração ou da "alma". Como tal, refletia e

revelava as moções do coração. Também era símbolo da onisciência e, às vezes, da misericórdia de Deus. Igualmente divulgada era a crença do mau olhado: acreditava-se em um demônio do "Olho Mau" que causava falta de chuva, diminuição da fertilidade e da força em geral, que prejudicava a saúde, etc. Usavam-se amuletos, preces e outras simpatias para se proteger dele. No Antigo Testamento, o "olho mau" é apenas testemunhado como expressão de ciúme e inveja, mas podemos supor a existência da superstição em geral por causa dos muitos amuletos achados na Palestina. Vestígios disso encontramos no Novo Testamento: Mc 7,21-23 enumera entre as más intenções que saem do coração o "olho mau", traduzido como "inveja" (o paralelo de Mt 15,19 o omite); Mt 6,22-23 fala do olho como lâmpada do corpo; e em Mt 20,15 o dono da colheita pergunta ao diarista mesquinho: "Ou será que seu olho é mau porque sou bom?" O olho bom, em contraposição ao olho mau, significa generosidade (cf. Pr 22,9).

Podemos nos perguntar até que ponto o motivo do olhar de Jesus em Marcos foi influenciado por estas idéias, através das convicções das pessoas que transmitiram e redigiram estas narrativas, e até que ponto esta característica de Jesus evocou nas pessoas envolvidas uma associação destas idéias. Será que aqui não se mostra a imagem de um Jesus de "olho bom", generoso e benevolente, um Jesus irradiando saúde, "fertilidade" e vida plena já pelo simples olhar? Mas além destas considerações devemos destacar mais uma vez que os olhares de Jesus mostram a sua sensibilidade e espontaneidade na esfera do afetivo, da comunicação não-verbal em situações de contatos interpessoais de profunda densidade. A santidade e divindade de Jesus não se mostra nos olhos abaixados ou censuradores diante do mundo e das pessoas, e sim nos olhos abertos e olhares afetuosos que espelham a abertura e as emoções do seu coração.

2. Jesus – um homem que sente e expressa emoções

Serão analisados aqui os trechos de Marcos que fazem referência expressa a emoções e gestos corporais de Jesus.

2.1. As emoções de Jesus

O Evangelho de Marcos narra algumas emoções de Jesus em relação a pessoas, durante a sua "atuação pública": diante de pessoas individuais, Jesus ficou cheio de ira (1,41), cheio de ira e tristeza (3,5), ficou zangado (10,14), e olhou com amor (10,23); diante da multidão, ele sentiu compaixão (6,34; 8,2). Na narrativa da paixão, Marcos descreve os sentimentos de Jesus no Getsêmani como de medo e angústia e mostra o próprio Jesus expressando o sentimento de uma "tristeza de morte" e pedindo o apoio "espiritual" de três amigos.

Nas emoções diante de pessoas individuais chama a atenção que quase todas expressam sentimentos considerados "negativos"; apenas uma expressa um sentimento "positivo", de amor (veja acima: 1.1). Devemos supor também uma boa carga de energias e sentimentos agressivos por trás de muitas palavras e ações de Jesus (a expulsão do Templo, os "ais", os nomes que usa para xingar Herodes, Pedro, os fariseus e escribas...). Podemos entender tudo isto como sinal de que o Jesus histórico teve a coragem de permitir-se sentir *e* expressar emoções, inclusive de raiva, quando as circunstâncias as provocaram. Neste contexto é interessante que em Mc 1,41 a maioria dos manuscritos traz *splagchnizomai* (teve compaixão), em vez de *orgistheis* (ficou irado), que é testemunhado apenas por alguns deles. Mas a emoção que Jesus sentiu neste caso é suprimida em Lucas e Mateus (o que não acontece necessariamente com *splagchnizomai*), e é muito mais provável que a ira tenha sido substituída pela compaixão do que ao contrário. Por isso podemos seguir a "leitura mais difícil" e manter nesta narrativa a tradução da *Bíblia Pastoral*: "ficou cheio de ira". O fato é eloqüente: já que se falava de uma emoção de Jesus, introduzia-se a da compaixão, uma das suas emoções típicas diante de pessoas necessitadas (veja abaixo: II.2.2), e muito mais inofensiva e agradável do que a da raiva.

O sentimento de amor diante do homem rico mostra que Jesus teve também a coragem de permitir-se a expressão de sentimentos de carinho e amor, mesmo quando surgiram espontaneamente. O amor que sentiu por este homem desconhecido certamente não teve a maturidade e profundidade do amor que Jesus sentiu por amigos e amigas, por exemplo por Marta, Maria, Lázaro e o discípulo amado, para ficar apenas com o testemunho de João. Mas ele é um exemplo precioso da afetividade e espontaneidade humana de Jesus que, nas suas relações interpessoais, se arriscava inteiramente, de olho e coração aberto, aceitando conflitos e confusões, certamente não só em relação a discussões teóricas e sua missão em favor do Reino, mas também a respeito das simples afeições humanas que ele sentiu e viveu como qualquer outro ser humano.

Os únicos sentimentos de Jesus em relação a si mesmo encontramos na narrativa da Paixão. Parece que todos os sentimentos de fraqueza, medo e angústia que deve ter passado ao longo da sua vida, foram concentrados neste último momento da sua liberdade. A redução a este momento e a maneira racional da narrativa mostram a dificuldade existente desde o início do processo da tradição, em fazer memória da pessoa humana integral de Jesus e em descrevê-la.

2.2. A "fala emocionada" de Jesus

Nos casos elencados neste parágrafo, Marcos não descreve diretamente uma emoção de Jesus, mas a deixa transparecer através da descrição do seu jeito de falar. Trata-se das proibições "severas" de falar dele como Messias (3,12; 8,30) e da sua "ameaça" ao vento (4,39) como emoções mais leves. Emoções maiores se expressam nos seus suspiros: Jesus suspirou no processo de uma cura (7,33), e suspirou profundamente no seu desabafo diante da exigência de um sinal (8,12). Devemos entender nesta linha também Mc 9,19: "Ó gente sem fé! Até quando...!", onde o contexto do desabafo é o mesmo, porém sem mencionar explicitamente um suspiro. Mas as emoções e os sentimentos mais complexos e profundos encontramos nos gritos de Jesus na cruz: o "forte grito" do "Meu Deus, por que me abandonaste!", e o "forte grito" no momento da morte (15,34.37).

As proibições "severas" e a "ameaça" têm claras intenções teológicas, e por isso são privilegiadas na tradição sinótica (cf. II). Entre os suspiros, aquele que faz parte do processo de cura deve ser interpretado no contexto mais amplo da atividade taumatúrgica ou "milagreira" de Jesus (cf. III.3), mas os seus dois desabafos mostram o lado "humano", vulnerável de Jesus – eles nos fazem sentir noções de cansaço, de estar chegando aos limites da paciência, de sofrer um leve "desespero" por não suportar mais...

Diante dos gritos na cruz que vomitam o abandono, os horrores de tortura, dor e asfixia, o desespero da morte, não precisamos de grandes explicações. Basta fazer memória de pessoas conhecidas nossas, entre milhares e milhões que já sofreram situações semelhantes, para ter uma pequena idéia daquilo que Jesus sentiu e sofreu naquele momento. Constatemos apenas a discrição (ou o bloqueio de qualquer expressão mais realista?) com que já a narrativa da Paixão em Marcos trata as reações de Jesus nas últimas horas da sua vida.

2.3. Toques de Jesus

Os gestos, as expressões corporais de uma pessoa revelam muito das suas emoções e são uma forma de expressá-las na esfera não-verbal. Isto vale especialmente para toques, e chama a atenção a naturalidade não formalizada e a variação muito grande da descrição de Marcos dos toques de Jesus:

• segurar, pegar pela mão (para guiar um cego ou para ajudar a pessoa doente ou morta a levantar-se): 1,31; 5,41; 8,23; 9,27.

• pôr as mãos para curar ou abençoar: 6,5; 10,16.

• tocar (de forma geral) para curar: 1,41.

• tocar ou pôr as mãos (de forma individualizada): pôr os dedos nos ouvidos, tocar a língua com saliva (7,33); cuspir nos olhos e pôr as mãos sobre os olhos (8,23-25). Cf. também Jo 9: com saliva, fez barro e o colocou nos olhos.

• abraçar: 9,36; 10,16.

• Devemos complementar esta lista lembrando das pessoas que procuravam tocar Jesus para serem curadas (3,10; 5,30s; 6,56 – em 3,10 é usada a expressão forte "jogavam-se sobre ele para tocá-lo"), e lembrando dos toques carinhosos e perfumados narrados em 14,3-9 (cf. Mt 26,6-13 e Lc 7,36-50).

Esta riqueza de exemplos nos mostra uma riqueza excepcional de Jesus como pessoa humana: ele assumiu plenamente sua corporeidade e agiu sem fobias a respeito do seu próprio corpo e dos corpos de outras pessoas. A energia positiva quase incansável, a extraordinária força de vida que se mostravam em Jesus, que passavam e se espalhavam através de seus toques e seus con-tatos humanos, devem ter brotado da fonte de um profundo amor pela vida, pela sua missão, pelas pessoas – uma fonte alimentada, por sua vez, pelo seu contato íntimo com o mundo, com as pessoas, com a própria força criadora que chamamos de Deus. Mas por trás destas particularidades da pessoa

de Jesus devemos reconhecer também um padrão religioso-cultural: a força do toque era bem conhecida na Antigüidade. O contato físico era considerado algo mágico que passava ou uma força sagrada, em todo caso benéfica, ou uma força profanadora, em todo caso maléfica. Segundo as leis judaicas sobre pureza e impureza, o contato físico com mulheres e com pessoas doentes ou mortas passava impureza. Neste contexto estamos diante de um fato inédito: em todos os toques que Jesus deu e sofreu, prevalecia sempre a força benéfica. Os evangelhos defendem com veemência a visão que não era Jesus que se tornava "impuro", enfraquecido ou profanado através destes contatos, mas que eram as outras pessoas que se tornavam "puras", fortalecidas e sagradas. Esta visão é uma das fontes mais preciosas para uma maior apreciação do corpo em todas suas dimensões, e para a defesa da opinião de que toda a vida é sagrada.

II. Um olhar crítico sobre a tradição sinótica

Para perceber melhor o alcance das modificações e deturpações que sofreu a imagem histórica de Jesus que em Marcos vislumbra ainda através de vários traços humanos, analisaremos em seguida o uso que Mateus e Lucas fizeram das narrativas dele na redação dos seus próprios evangelhos. O fato de que estes dois evangelhos quase não oferecem traços semelhantes de Jesus em material assumido da fonte Q (= fonte de ditos de Jesus) ou em material próprio, torna este uso ainda mais significativo.

1. A modificação dos olhares de Jesus

Os textos de Marcos (aprofundados em I.1) foram quase todos assumidos de forma bastante completa por Mateus e Lucas, mas neste processo sofreram modificações significativas a respeito dos olhares de Jesus. Na perícope do homem rico (Mc 10,17-27; Mt 19,16-26; Lc 18,18-27) temos, nas expressões que interessam aqui, o seguinte quadro sinótico:

Marcos	Mateus	Lucas
[17]Um homem foi correndo, ajoelhou-se diante dele...	[16]Um jovem se aproximou...	[18]Uma pessoa importante...
[21]Jesus olhou para ele com amor,	[24]Jesus	[22]Ouvindo isso, Jesus
e disse:	respondeu	respondeu:
[23]Jesus então olhou em volta e	[23]Então Jesus	[24]Vendo isso, ...Jesus
disse aos discípulos...	disse aos discípulos ...	disse
[24]Meus filhos...	///	///
[27]Jesus olhou para os discípulos	[26]Jesus olhou para os discípulos	///

Isto significa: Mateus corta o olhar para o homem, corta o sentimento de afeição, corta o olhar em volta, e preserva apenas o olhar final para os/as discípulos/as. Lucas corta tudo a respeito dos olhares e da afeição: não menciona os olhares de Jesus para o homem nem para os/as discípulos/as, e substitui o olhar em volta pela expressão formal "Vendo isso, Jesus disse...", ligando dessa forma a atenção de Jesus ao homem, e não aos/às discípulos/as.

No caso do homem da mão seca (Mc 3,1-6; Mt 12,9-14; Lc 6,6-12), Mateus corta o olhar e os sentimentos; Lucas preserva o olhar, mas atribui o sentimento de raiva aos adversários de Jesus.

Na questão da "família" (Mc 3,31-35; Mt 12,46-50; Lc 8,19-21), o quadro sinótico é mais complexo:

Marcos	Mateus	Lucas
[34]Então Jesus olhou para as pessoas que estavam sentadas ao seu redor	[49]Estendendo a mão para os discípulos,	/// ///
e disse: ... [35]... minha mãe, meu irmão, minha irmã.	Jesus disse: ... [50] ... meu irmão, minha irmã, minha mãe.	[21]Jesus respondeu: Minha mãe e meus irmãos são aqueles...

Neste caso, Mateus substitui o olhar pelo gesto de estender a mão, e Lucas o corta. Em Mateus é também a multidão que circunda Jesus, mas ela é excluída deste gesto: ele se dirige apenas aos "discípulos" que são chamados, como em Marcos, de "mãe, irmão e irmã". Como Lucas corta o gesto, ele modifica também a fala de Jesus para uma expressão mais distanciada que por cima corta também as "irmãs": "Minha mãe e meus irmãos são aqueles..."

O encontro com a mulher que sofreu de hemorragia (Mc 5,25-34; Mt 9,20-22; Lc 8,43-48) oferece o seguinte quadro:

Marcos	Mateus	Lucas
[30] Jesus percebeu imediatamente que uma força tinha saído dele. Então virou-se e perguntou:	/// [22] Jesus virou-se...	*(veja abaixo)*
"Quem foi que tocou na minha roupa?" [32] ... Mas Jesus ficou olhando em volta para ver aquela...	/// ///	[45]Jesus perguntou: "Quem tocou em mim?"... [46] "Alguém me tocou, pois eu senti que uma força saiu"

Isto significa que Mateus corta as perguntas, o olhar de procura de Jesus e o diálogo, atribuindo a Jesus o conhecimento imediato do ocorrido, sem precisar de mediações humanas: "Jesus virou-se, e, ao vê-la, disse: Coragem, filha...". Lucas corta o gesto do virar e do olhar e o substitui pela repetição da pergunta sobre a pessoa que o tinha tocado.

A notícia de Marcos sobre o olhar atento de Jesus na sua primeira visita ao templo ficou sem paralelo em Mateus e Lucas.

Estas modificações mostram que Mateus e Lucas não deram importância aos "olhares" de Jesus. Com isso perde-se um traço significativo de sua pessoa: a sua comunicação não-verbal, sua expressividade no campo das emoções e nas relações interpessoais.

2. A modificação das emoções de Jesus

Não foram apenas os olhares de Jesus que se perderam no processo sinótico. Também as expressões mais fortes de sua afetividade, de suas emoções, sofreram este destino: foram cortadas ou manipuladas.

2.1. As emoções de Jesus

a) Emoções diante de pessoas individuais e no contexto da Paixão

Todas as emoções de Jesus relatadas durante a sua atividade pública, em ligação com pessoas individuais, são suprimidas, cortadas em Mateus e Lucas (cf. os paralelos de Mc 1,41; 3,5; 10,14; 10,23). Na perícope de Mc 3 o caso é mais sério ainda: Lucas tira o sentimento de raiva de Jesus e o atribui aos seus inimigos: "*Eles* ficaram com muita raiva..."

Em compensação, encontramos em Lc 10,17-24 (material próprio) a notícia de que Jesus "se alegrou no Espírito Santo" quando seus discípulos/as voltaram "muito alegres" de uma experiência de missão. Esta notícia encontra-se no contexto da recomendação de não alegrar-se tanto sobre os resultados "taumatúrgicos", mas antes sobre a própria eleição por Deus.

No contexto da paixão, Mateus e Lucas silenciam que Jesus sentiu medo. Mateus preserva a angústia e tristeza e o pedido de apoio; Lucas corta também a tristeza de Jesus e o pedido de vigiar com ele; aqui, Jesus recomenda a oração para que *os amigos* fiquem fortalecidos na tentação. Além disso, Lucas fala da angústia apenas no segundo momento, depois de introduzir o conforto pelo "anjo".

Estes exemplos já mostram que Mateus e Lucas podaram sistematicamente a imagem de um Jesus humano que ainda vislumbra em Marcos, em favor da divinização do Cristo Ressuscitado. Sobretudo Lucas protege Jesus contra qualquer sinal de emoções "negativas", até o ponto de atribuir estas aos inimigos, e o defende também de suspeitas de fraqueza, amenizando suas emoções no Horto das Oliveiras e dirigindo

o seu choro a um objeto alheio, "Jerusalém" (19,41). A emoção "positiva" que introduz no capítulo 10, a alegria, é expressamente "espiritual", e ela não é relacionada com seus discípulos e discípulas (aos quais ele recomenda também uma alegria mais "espiritual" e não sobre as restituições de vida que experimentaram), e sim a Deus e ao êxito do seu projeto.

b) A comoção das entranhas

Atenção especial merecem as narrativas onde Jesus sente e verbaliza compaixão para com o "povo" em geral. Elas são marcadas pelo uso do verbo *splagchnizomai* (cf. Mc 6,33-34 e 8,1-2 com seus paralelos, e Lc 7,13)[7].

O verbo *splagchnizomai* denota um estado de ânimo em reação a um impacto externo: uma moção profunda das entranhas (grego: *splágchna*) que leva para o sentimento de comoção, compaixão, misericórdia. É traduzido, em geral, como "ter compaixão". Este significado remonta ao hebraico que considera as entranhas (*rehem*, "seio", "útero") como sede de afetos "positivos" como ternura e compaixão e se refere no Antigo Testamento quase exclusivamente a Deus na sua dimensão materna. É a expressão mais freqüente e profunda que os sinóticos usam para descrever a compaixão de Jesus, sempre em narrativas de milagres. Além deste contexto, o verbo se encontra apenas em três parábolas: Jesus atribui tal sentimento ao patrão de Mt 18,21-35 (v. 27), ao Samaritano de Lc 10,25-37 (v. 33) e ao Pai de Lc 15,11-32 (v. 20). Disso podemos concluir que a expressão servia para mostrar como, em Jesus, se encarnou e expressou sensivelmente o amor misericordioso de Deus. Mas a comparação sinótica mostra um quadro interessante: por um lado, Lucas suprime nos dois casos o *splagchnizomai* encontrado em Marcos, por outro o usa no seu material próprio de 7,13. Mateus assume o verbo de Marcos e o usa adicionalmente num sumário de sua redação própria (9,35-38).

Relevante é também a íntima ligação entre verbos que expressam o olhar de Jesus e o verbo *splagchnizomai:* várias vezes, sua emoção é provocada pelo fato de ter visto pessoas sofridas. Isso mostra novamente a importância do olhar atento de Jesus como base ou condição de seus sentimentos e gestos corporais.

Tudo isso leva à conclusão de que o sentimento da compaixão era o mais freqüente, o mais típico atribuído a Jesus, e isso pode ser dificilmente apenas uma caracterização teológica. Podemos concordar com Elisa que estamos entrando na esfera do amor compassivo do próprio Deus, tal como ele foi ensinado e vivido por seu Filho, e que a comoção de suas entranhas reveste de misericórdia o poder e a autoridade de Jesus como Messias. Mas podemos dizer ainda mais: Jesus, como pessoa humana bastante sensível, foi afetado no seu mais íntimo, nas suas entranhas, pelo sofrimento que encontrou. E isso provocou, além de sua ira para com as causas deste sofrimento, o seu afeto misericordioso para

7. Para o seguinte, cf. ESTEVEZ, Elisa. Significado de *splagxnizomai* en el NT. In: *Estudios Biblicos* XLVIII, Cuad. 4, Año 1990, Madrid, p. 511-541.

com as pessoas mais afetadas pelas várias formas do sofrimento: ele sentiu e expressou compaixão. Mas não se deteve em sentir e expressar esta emoção. Ela se tornou a força-motriz de seus gestos e ensinamentos libertadores e se traduziu em atos adequados que visavam a transformação do sistema que levava para estes sofrimentos.

2.2. A "fala emocionada" de Jesus

O tom "severo" na proibição de Jesus de falar dele como Messias é cortado por Mateus e Lucas nos paralelos a Mc 3,12; nos paralelos a 9,21, Lucas o preserva. A "ameaça" ao vento passou sem censura. O suspiro na cura some junto com a narrativa completa; nos dois desabafos, o suspiro de 8,12 é cortado, enquanto o desabafo de 9,19 em si é até reforçado. Nestes casos, a ameaça ao vento e a proibição "messiânica" têm a ver com o senhorio de Jesus sobre pessoas, maus espíritos e forças da natureza, e a fala mais emotiva foi preservada provavelmente porque servia à expressão deste traço teológico. Também a "condenação" da incredulidade em 9,19-29 colabora para estes fins teológicos e por isso é reforçada. A fraqueza humana de quase não "suportar mais", porém, que se expressa no suspiro de 8,12, foi apagada da imagem humana de Jesus mostrada por Marcos.

Esta imagem sofre a sua maior distorção na hora da cruz. Mateus e Lucas cortam o forte grito do abandono. A interferência de Mateus é mais leve porque preserva pelo menos um silêncio respeitoso, mas Lucas insere em troca três frases lindas de Jesus com as quais ele conforta, intercede e promete salvação. O grito da morte também é distorcido: Mateus o ameniza com o comentário "entregou o espírito", e Lucas faz o próprio Jesus dizer isso em outra frase linda: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito". Talvez seja este o cúmulo do processo da censura dos traços humanos de Jesus: nas narrativas sobre a prisão e o processo ilegais, sobre as humilhações e torturas e sobre o seu assassinato, ele é desapropriado por completo da sua expressão dos sentimentos de abandono e dor. A "necessidade" crescente de fazer da cruz o "trono de glória", de fundamentar a idéia teológica da ressurreição no momento da morte, não conseguiram respeitar a realidade humana que é a base imprescindível para tais mensagens. Estamos sofrendo até hoje as conseqüências desastrosas deste processo, na opressão e alienação religiosa justamente das pessoas mais maltratadas e sofridas. Desta forma, o cristianismo colabora muitas vezes com o sistema de morte em vez de anunciar a vida plena que Jesus amou ao ponto de sofrer tal morte por ela.

3. A modificação dos toques de Jesus

Nas quatro narrativas onde Marcos diz de maneira bem natural que Jesus *segurou* alguém pela mão, as modificações de Mateus e Lucas são profundas: No caso da sogra de Pedro (Mc 1,29-31; Mt 8,14s; Lc 4,38s), Lucas corta tudo a respeito e o substitui por "inclinando-se, ameaçou a febre". Mateus diz apenas que Jesus tocou na mão dela. Perde-se assim todo o carinho, toda a energia positiva, toda a proximidade humana que passou pelo processo de segurar a mão da mulher deitada e ajudá-la a se levan-

tar. Na perícope da "Talita" (Mc 5,35-43; Mt 9,23-31; Lc 8,49-56), a formulação de Marcos menos expressiva "pegou-a pela mão" passou sem censura – será que o toque em uma menina foi sentido como menos "escandaloso"? Na cura do cego (Mc 8,22-26), o cuidado carinhoso de Jesus, que o guia pessoalmente pela mão para fora do povoado, some com toda a narrativa. Também no caso do menino epiléptico (Mc 9,14-29; Mt 17,14-21; Lc 9,37-42), a quem Jesus pega pela mão e levanta, Mateus e Lucas cortam este detalhe.

O "toque" para curar o leproso (Mc 1,40-45; Mt 8,2-4; Lc 5,12-16) passa sem censura; a imposição das mãos sobre algumas pessoas doentes em Nazaré (Mc 6,1-6) falta porque Mateus e Lucas não assumiram este trecho – provavelmente porque ele insinua "limitações" do poder de Jesus. Também as duas curas nas quais os toques são descritos com detalhes bem individuais, "pitorescos" (pôr os dedos nos ouvidos, tocar na língua, nos olhos, usando saliva: Mc 7,31-37 e 8,22-26), são igualmente cortados por Mateus e Lucas. Tudo isso mostra a resistência em admitir que elementos corporais das práticas taumatúrgicas ou milagreiras da época foram usados por Jesus. Esta realidade é encoberta em favor da palavra poderosa, e no máximo aparece o rito de um toque bem "distanciado" e formalizado.

Esta distorção da en-carn-ação de Jesus, que sacrifica as expressões corporais do seu calor humano, da sua proximidade carinhosa, da sua espontaneidade afetiva em favor de uma frieza, distância e um "controle" formalizado, percebe-se finalmente também no tratamento que os abraços de Jesus sofreram. Eles "sobreviveram" apenas em Mc 9,33-37 e 10,13-16, sempre em relação a crianças. Nos dois casos (Mt 18,1-5; 19,13-15; Lc 9,46-48; 18,15-17), Mateus e Lucas os cortam sem substituição. No caso de Mc 10,16, o gesto de pôr as mãos é mencionado em Mateus apenas em uma frase subordinada, focalizando assim apenas o ensinamento teórico de Jesus. Em Lucas não é relatado gesto sequer – se fosse apenas pela narrativa dele, poderíamos pensar que o pedido de "tocar" nas criancinhas tivesse ficado sem resposta...

Diante deste quadro parece estranho, à primeira vista, o fato de que em Lc 24,39 o Ressuscitado encoraje seus amigos e suas amigas a tocá-lo para verificar que não é um "espírito". Mas, analisando bem este quadro, percebemos que o toque no Ressuscitado era menos problemático porque justamente a "carne" dele era um elemento teológico de suma importância.

Estas observações nos levam a uma reflexão mais profunda no sentido de "suspeitar", de tentar resgatar verdades contra as fontes que as silenciaram: Quando já foram cortados os abraços mais inocentes que Jesus deu, os abraços em crianças, quantos outros abraços dele devem ter sido cortados? E quando o único abraço recebido que foi narrado é o abraço dos seus pés, de Maria Madalena e da "outra" Maria, enquanto Ressuscitado – quantos outros abraços de suas amigas e seus amigos, de pessoas agradecidas e emocionadas devem ter sido cortados? E será que todas as pessoas, inclusive suas melhores amigas e seus melhores amigos, sempre caíram de joelhos, aos seus pés, e nunca caíram ao pescoço de Jesus (cf. Mt 28,9)? Estas "prostrações"

(*proskyneses*) têm cheiro de outros ambientes! E quando o único beijo na face narrado é aquele do cumprimento de Judas, como sinal de traição combinado, quantos outros beijos (que Jesus deu e recebeu) devem ter sido cortados? E será que as emoções e reações de Jesus, em resposta ao amor carinhoso da mulher "conhecida como pecadora" (Lc 7,36-50), eram menos dignas de serem registradas do que suas palavras secas em resposta à falta de amor de Simão: "Desde que entrei, ela não parou de beijar meus pés"?

Já que temos tanta dificuldade em admitir e imaginar as reações emotivas, a afetividade de Jesus, o que imaginamos a respeito da sua sexualidade, de seus amores? O que imaginamos sobre as confusões de sentimentos do garoto adolescente na fase do despertar-se, sobre as primeiras paixões do rapaz "núbil", sobre a vida sexual e afetiva do homem maduro Jesus de Nazaré? Como avaliamos o fato de que a bênção: "Sejam fecundos/as e multipliquem-se" (Gn 1,28) é um mandamento sagrado no judaísmo? Como avaliamos o fato de que de Jesus ninguém diz, como de João Batista, que "viveu no deserto até o dia em que se manifestou a Israel", até assumir a sua "atividade pública com cerca de trinta anos" (Lc 1,80; 3,23)? Até em Qumran foram achados ossos de mulheres e crianças, num cemitério separado – a ciência os interpreta como das/dos familiares de essênios que entraram na comunidade dos monges de Qumran depois de ter constituído uma família.

Não temos e nunca teremos fontes para responder a estas perguntas dentro das limitações do método histórico-crítico, mas isso não significa que aquilo que por ele pode ser afirmado com certa probabilidade seja necessariamente verdade ou a verdade completa. Com o critério da "suspeita", porém, da conclusão "do menor ao maior", aplicado onde as fontes claramente manipularam ou silenciaram aspectos da realidade, podemos ao menos desvendar a ilegitimidade da absolutização de imagens assim criadas e nos abrir para imagens mais humanas de Jesus.

III. As limitações da interpretação histórico-crítica

A linha geral da interpretação dos olhares, sentimentos e gestos corporais de Jesus nos grandes comentários exegéticos sobre o Evangelho de Marcos[8] pode ser resumida assim: Os olhares de Jesus são identificados como expressão tipicamente de Marcos. Juntamente com os sentimentos e gestos são avaliados como elemento histórico proveniente de material pré-Marcos, como detalhe que mostra o caráter primitivo

8. TAYLOR, Vincent. *The Gospel according to St. Mark*. London 1952; CRANFIELD, C.E.B. *The Gospel according to Saint Mark*. Cambridge 1959; LAGRANGE, M.J. *Evangile selon Saint Marc*. Paris ^{5}1966; SCHWEIZER, Eduard. *Das Evangelium nach Markus* I. Göttingen 1936; PESCH, Rudolf. *Das Markusevangelium* I. Teil. Freiburg ^{2}1977 e II. Teil, Freiburg 1977; LOHMEYER, E. *Das Evangelium des Markus*. Göttingen 1937; SPINETOLI, Ortensio da. *Marco: Commento al Vangelo messianico*. Assisi 1977; MEYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. Paulinas 1992. O comentário popular de E.M. BALANCIN (*Como ler o Evangelho de Marcos*, Paulus 1991) é uma exceção agradável no quadro geral. Por um lado, ele nunca comenta os olhares de Jesus, mas, por outro, comenta com toda naturalidade seus sentimentos.

da tradição de Marcos, e como traço autêntico do Jesus histórico. A omissão destes detalhes em Mateus e Lucas é interpretada como passo no processo de formalização e teologização, e como sinal de que estes não quiseram transmitir traços humanos de Jesus. Além destas afirmações, a maioria dos comentaristas mostra dificuldades consideráveis na interpretação destes traços, como mostrarão alguns exemplos que seguem.

1. A interpretação dos olhares de Jesus

Na maioria das vezes, uma interpretação propriamente dita dos olhares de Jesus falta ou é feita brevemente na primeira ocorrência, para a qual se aponta nas demais citações. São vistos por exemplo como pertencentes à linha das outras emoções humanas de Jesus (Taylor, p. 222), como sinal do envolvimento de Jesus e como "olhar que escolhe para o seguimento" (Schweizer, p. 25; 35; 120).

Uma consideração interessante encontramos em Bornkamm[9], na sua tentativa de reconstruir traços característicos do Jesus histórico: comentando neste contexto os olhares de Mc 10, ele escreve: "Seria bom reunir um dia todas estas passagens do evangelho nas quais se fala deste olhar, desta visão, desta capacidade de Jesus adivinhar, sem temer que se trate logo de sentimentalismo. Na verdade trata-se aqui de um traço bem característico da figura histórica de Jesus, confirmada (sic! Na tradução francesa se encontra a forma masculina "confirmé") com toda a precisão pelo estilo de sua pregação. Os evangelhos chamam esta soberania imediata de Jesus 'plenitude de poder' ... ela está sempre presente nos encontros mais diversos" (p. 56).

Avaliando estas e outras interpretações aqui não citadas, podemos concluir o seguinte: apesar de considerá-los "históricos", a grande maioria dos exegetas não tenta aprofundar o significado dos olhares de Jesus, não considera sua importância nas relações humanas e interpessoais. Onde tais tentativas são feitas, seguem ou o estereótipo de ser o primeiro elemento no processo do chamado para o seguimento – o que, exegeticamente, não é correto (Schweizer) – ou o estereótipo de ser expressão de poder, fazendo questão de justificar-se contra a suspeita de "sentimentalismo" (Bornkamm). Isso mostra a dificuldade assustadora da exegese histórico-crítica diante de expressões humanas de Jesus, mesmo que sejam as mais simples, "positivas" e não-comprometedoras.

2. A interpretação das emoções de Jesus

Muitas vezes, os comentaristas apenas registram a menção de uma emoção de Jesus, e, quando arriscam uma interpretação dela, costumam deter-se no mero levantamento de paralelos literários e de significados simbólicos ou teológicos. Quase nunca chegam a confrontar-se com a sua base humana, com o próprio traço do Jesus histórico. Vejamos alguns exemplos:

9. BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. Vozes 1976.

As manifestações de ira de Jesus, sua fala severa e suas ameaças e suspiros são freqüentemente interpretados apenas teologicamente como "excitação pneumática" (sinal de possessão ou aquisição de força, anúncio pneumático de uma sentença profética, ou expressão exorcista), ou seja, como elemento formal do processo taumatúrgico ou exorcista. Além disso existe uma tendência forte de "inocentar" Jesus, por exemplo com a observação de que sua ira não contém elementos de rancor pessoal (Taylor, p. 233). A comoção das entranhas, como sentimento "positivo", mais "digno" de Jesus, é comentada com mais facilidade, mas muitas vezes apenas destacando o motivo da sua compaixão (praticamente repetindo o texto bíblico) e não aprofundando a complexidade de *splagchnizomai*.

Os comentários sobre os sentimentos de Jesus no contexto da sua paixão são altamente apologéticos, motivados pela tentativa de justificar imagens teológicas posteriormente construídas. Freqüentemente elencam simplesmente citações e alusões vétero-testamentárias, sem interpretar o seu uso no contexto. Até a interpretação da agonia de Jesus como "temor diante da experiência do sagrado, aqui: da vontade de Deus na morte iminente" encontra-se num dos comentários mais afamados (Pesch). Este também faz questão de dizer que o "Meu Deus, por que me abandonaste?" não é um "grito de desespero", e sim uma "manifestação de confiança", e que o outro "grito forte" da morte caracteriza o "portador do espírito, o profeta, a pessoa tomada pelo espírito de Deus" (Pesch, vol. II, p. 492, 494 e 497).

Eloqüente é também a dificuldade geral em interpretar o afeto de amor que Jesus sentiu diante do homem rico. O verbo usado, *egapesen*, é analisado a respeito da sua forma gramatical, do grau da intensidade do amor que expressa, do uso no Evangelho de João e na literatura contemporânea, a respeito do gesto concreto expressado nele, etc., mas seu significado para as relações interpessoais, para o lado humano de Jesus é raramente considerado. Afirma-se, por exemplo, que Jesus não experimentou um "sentimento de atração pelo homem, e sim o tipo de amor que, sem considerar a dignidade ou não-dignidade do seu objeto, se mostra através da ajuda ao seu objeto e que sai em direção a este em doação de si mesmo" (tradução minha de Cranfield, p. 329).

Outros comentários, em parte dependentes uns dos outros (entre eles o mais importante em alemão, o de Pesch II, p. 140), consideram a possibilidade do gesto concreto de um beijo, em analogia a uma citação de Plutarco. Este beijo presumido é interpretado na base de uma monografia[10] que afirma a seguinte interpretação: o "amar" não é tanto um sinal de simpatia, e antes um fazer quase de alteza (senhorio, autoridade, poder) de quem executa ensino e decisão jurídicos. Como prova disso são citados os beijos que os patriarcas deram em seus filhos na hora da morte quando deixaram seus testamentos (Testamentos dos Doze Patriarcas, Test Rub 1,5; Test Dan 7,1),

10. "Das "Lieben" (liebgewinnen, umarmen, möglich auch küssen) des Jünglings (*sic!*) ist weniger ein Zeichen der Sympathie als vielmehr ein quasi-hoheitliches Tun dessen, der (Rechts-)Belehrung und -entscheidung gibt": Klaus BERGER, *Die Gesetzesauslegung Jesu* I, Neukirchen 1972, p. 397.

e outros beijos entre pais e filhos em escritos apócrifos. Mas o argumento de maior peso é a narrativa de 2Sm 15,4-6: preparando seu golpe, Absalão fica na porta da cidade e dirige-se às pessoas que querem procurar justiça no palácio: caluniando Davi, promete seu próprio apoio – e quando alguém se prostra diante dele, Absalão o ergue e beija. Parece que a monografia se baseia aqui apenas na pesquisa das concordâncias da palavra "beijo" – que não é usada por Mc – sem considerar o contexto: é difícil descobrir a ligação entre beijos familiares na hora da morte e o sentimento de amor de Jesus diante de um "desconhecido", e a comparação com as intrigas demagógicas de Absalão é até de mau gosto... Podemos considerar as interpretações nesta linha como sinal de que esta afeição amorosa de Jesus incomodava tanto os exegetas que preferiram basear-se em uma pesquisa mal fundamentada que alega uma expressão de senhorio e autoridade de Jesus, em vez de considerar, dentro do contexto de Marcos, a citação como expressão de um sentimento humano de Jesus.

3. A interpretação dos toques de Jesus

No caso dos abraços das crianças, quase nenhum dos comentaristas nota a falta deles em Mateus e Lucas, e quase nenhum deles perde tempo, mencionando-os. A atenção se concentra na bênção através do ritual da imposição das mãos.

Nos toques em ligação com curas, não se comenta a diversidade e individualidade deles; eles não são interpretados primeiramente como gestos humanos de carinho, transmissão de energia positiva e calor humano. Assim, toda a interação humana se perde, e mesmo onde a fé da pessoa "provoca" o contato benéfico, o que fica no centro da atenção e interpretação é o poder de Jesus. Sua palavra poderosa ganha destaque, enquanto os gestos são rebaixados pelo fato de não receberem a devida atenção, de serem classificados como elementos do gênero literário ou desvalorizados contra as evidências claras do texto.

Mesmo sendo consenso geral dos comentários que a força passa pelo contato físico, o toque, o "estender a mão" é entendido principalmente como gesto apenas *simbólico*, a partir de milagres e sinais no Antigo Testamento, inclusive descrições antropromorfas de Deus (por exemplo Pesch I, 130). A chave mais freqüente para as interpretações destes toques de Jesus, porém, é a do padrão literário de narrativas de milagres do mundo helenista e judaico da época[11]. Isso traz o perigo de a interpretação verificar muitos detalhes apenas como elementos do esquema literário, sem considerar suas particularidades e as relações humanas mais amplas que se expressam neles. Quando Marcos descreve muitos detalhes além do esquema resumido da forma literária, estes são chamados de "desnecessários para a narrativa" (Pesch I, 131), e assim classificados como históricos. Entendemos que se trata aqui de um critério formal para

11. Cf. o trabalho detalhado de Gerd THEISSEN. *The Miracle Stories of the Early Christian Traditon* (original Gütersloh 1974), Edinburgh 1983, que analisa a forma literária estruturada das narrativas de milagres e os seus diversos motivos.

poder resgatar traços históricos, mas esta visão não deixa de ser problemática, porque coloca no centro do interesse não aquele acontecimento na vida de uma pessoa sofrida e de Jesus, e sim o esquema literário com seus elementos formalmente "necessários" e "desnecessários". As narrativas de Marcos que transbordam destes elementos tornaram-se um problema para as imagens teológicas que destacam a unicidade de Jesus em relação a outras pessoas milagreiras e curandeiras, imagens de um Jesus divino que opera apenas com a força da palavra criadora. Desde a tradição sinótica que os corta, passando pelas interpretações alegóricas dos Padres da Igreja (por exemplo Jerônimo: "A saliva do Senhor é a perfeita doutrina que, para ensinar perfeitamente, procede da boca do Senhor"[12]), até os comentários histórico-críticos, encontramos uma tentativa de silenciar ou desvalorizar estes gestos e ritos que pode ser caracterizada através do exemplo de Pesch: ele encontra em Mc 7,32-33 a estrutura de "gesto de cura, excitação pneumática, palavra de cura" e conclui: "Os gestos de cura são imaginados, sem dúvida, como gestos preparatórios. O caráter histórico do anúncio (*kerygma*) de Jesus mostra-se também nas manifestações da fé cristã primitiva condicionadas pela época e pelo ambiente".

Uma aproximação mais feliz encontramos em um artigo de Fabris[13] onde ele afirma a importância da questão hermenêutica e analisa de forma cuidadosa a atividade taumatúrgica e terapêutica de Jesus, valorizando e identificando os gestos e ritos da sua metodologia, e resgatando-os do meio da estrutura estereotipada das narrativas de milagres. Ele destaca os toques como elemento fundamental no encontro entre a pessoa doente e o taumaturgo-terapeuta, mostrando como Jesus inclui suas expressões emotivas no processo integral da interação humana, e como a dimensão da relacionalidade é central em todas estas ações de Jesus. Desta maneira, seu estudo ajuda muito a resgatar aspectos humanos de Jesus, e sua metodologia poderia ser aplicada com muito proveito para o assunto mais amplo das emoções de Jesus. Também pistas esboçadas por Nancy Cardoso Pereira[14], que interpreta a atividade curandeira de Jesus a partir da comparação com Eliseu, podem nos ajudar a descobrir o "milagre" nos gestos humanos e acontecimentos cotidianos que os dois, Eliseu como Jesus, valorizaram tanto.

Conclusões e desafios

Procuramos neste estudo abrir os nossos olhos para uma visão mais autêntica e mais plena do Jesus histórico com seus sentimentos e gestos corporais, com seu lado afetivo. Descobrimos traços consideráveis deste lado de Jesus que o tornam mais próximo, mais "simpático" como pessoa humana. Descobrimos também a forte tendência

12. San JERÓNIMO. *Comentario de San Marcos* I. Trad. J.P. Torró, Madrid 1989.

13. TERRIN, A. N. "Os milagres de Jesus, os seus ritos de cura e a pregação do reino de Deus", em: VÁRIOS, *Terapia – a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1998, p. 62-99.

14. Baseio-me em uma conversa com Nancy a respeito do último capítulo da sua tese de doutorado sobre Eliseu como milagreiro, que será publicada em breve.

de negar estes traços em favor de imagens teológicas[15], muitas vezes distorcidas, que bem conhecemos, e que colaboram, junto com outros fatores, com a proibição e inibição da expressão dos nossos sentimentos e da nossa corporalidade. Isso poderia ser um impulso para avaliar a imagem de Jesus que confessamos pessoalmente e que passamos nas nossas atividades pastorais. Poderia ser um impulso para avaliar também a nossa lida com os nossos sentimentos e com a nossa corporalidade, sobretudo nas relações interpessoais, inclusive as da prática pastoral e litúrgica. O que penetra mais no coração de uma criança, na hora do batismo? A água derramada e as unções aplicadas, ou um tom afetuoso nas frases que acompanham estes ritos, um gesto carinhoso de alisar os cabelos molhados ou de acariciar o seu rostinho? Escolhi este exemplo por ser um dos mais "inocentes". Ele quer estimular o nosso senso humano e a nossa criatividade a respeito das nossas relações interpessoais, dos nossos gestos e ritos, para chegarmos sempre mais perto da humanidade e liberdade que descobrimos em Jesus – para assumirmos sempre melhor a missão de anunciar a notícia dele como verdadeira Boa-Nova.

Mônica Ottermann
Caixa Postal 142
77054-970 Palmas, TO

15. O trabalho mais efetivo para a libertação nossa e do próprio Jesus – que ultrapassa, porém, as possibilidades de um artigo exegético – seria a desconstrução destas imagens cultivadas e cultuadas ao longo dos séculos, analisando as teologias e ideologias que as construíram e os interesses e fins delas, sobretudo as formas de opressão que causaram.